

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO E LIBERDADE

Maria Fernanda Buratto de Assis (UEL)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os impactos das restrições cívico-militares e da pandemia da COVID-19 nos processos de ensino-aprendizagem, interação interpessoal e desenvolvimento cognitivo dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. Além disso, será abordada a eficiência do reforço positivo e aproximação professor-aluno no melhoramento da dinâmica interativa e da assimilação teórica dos conteúdos ministrados de Língua Portuguesa. É importante destacar que o trabalho é um relato do Estágio Curricular obrigatório realizado no 3º ano do curso de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no ano de 2022. Como sustentação teórica, Scalabrin e Molinari (2013) servirão de alicerce para o diálogo entre teoria e prática aplicadas durante o período de observação e regência do estágio; enquanto Selma Garrido Pimenta e Paulo Freire auxiliarão na compreensão da educação como objeto de formação crítica. Outros autores serão mencionados para fins de enriquecimento teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; estágio; consciência crítica.

1. Introdução

A presente análise versará sobre o período de execução do Estágio Curricular Obrigatório, realizado durante o 3º ano de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina. Não obstante, faz-se relevante para o estudo destacar que a instituição propiciadora do campo para estágio apresenta, como modelo de gestão nas áreas educacional, didático-pedagógica e administrativa, a participação mista de um corpo docente escolar e de profissionais militares.

Primeiramente, é preciso compreender que a razão da existência obrigatória da disciplina de estágio supervisionado nos cursos de licenciatura se dá, não só pela necessidade de colocar em prática os conhecimentos construídos durante os anos anteriores da graduação, como também qualificar o professor aprendiz como apto ou não a carregar a ingente responsabilidade de formar uma mente crítica e singular. Nas palavras de Izabel Cristina Scalabrin e Adriana Maria Molinari:

Ser profissional da educação requer um trabalho com objetividade: educar para incluir e elevar-se socialmente, levando em consideração a complexidade de todas as formas que nos rodeiam para conhecer e entender, para mudar com consciência este mundo no qual nos encontramos inseridos. (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 3)

Em virtude do contexto social e cultural do colégio cívico-militar, a mudança de consciência, caracterizada como fundamental por estudiosos da pedagogia e da educação, não foi possível ser alcançada de maneira interacionista e questionadora, como há a intenção de se fazer.

Seguramente que a intenção da instituição converge com os ideais pedagógicos de formação e de construção de um indivíduo capaz e autônomo, mas é possível atingir esse objetivo sem conceder primeiramente aos nossos jovens a possibilidade de formação de uma identidade própria? E, afinal, é possível construir qualquer traço de identidade sem antes explorar sua existência enquanto sujeito crítico de direito?

Quanto à relevância dos questionamentos apontados, o precursor da teoria da psicanálise, Sigmund Freud, em sua argumentação a respeito do papel da psicologia na educação infantil, sustentara a imprescindibilidade deste modo de ver e praticar o ensino-aprendizagem:

Acrescento ainda uma conclusão que já não é relevante para a teoria da educação, mas para a posição do educador. Se ele aprendeu a análise mediante a experiência em sua própria pessoa e está em condição de aplicá-la em casos fronteiros e mistos, como ajuda em seu trabalho, então se deve permitir a ele o exercício da psicanálise e não lhe pôr nisso obstáculos por motivos mesquinhos. (FREUD, 2011, p. 223-224)

Ou seja, se o profissional da educação está em condição e pode auxiliar na experiência de aprendizagem de um aluno com o exercício da psicanálise, ele deve fazê-lo. E, portanto, diante do cenário pós-pandêmico, com vestígios de danos à sociabilidade, cognição, raciocínio lógico e retenção dos alunos, tentar a implementação de um olhar psicanalítico e íntimo como método de reversão do retrocesso e defasagem das crianças do 6º ano pode ser efetivo.

2. Da experiência à prática

Antes de tecer qualquer análise teórica ou metodológica a respeito da experiência de estágio, é preciso primeiramente compreender a estrutura interna com a qual me deparei. Não é muito comum andar pelos corredores e se deparar com policiais militares armados, ou mesmo vislumbrar um colégio onde todas as crianças e os adolescentes trajam o uniforme completo. Além disso, os professores e funcionários da instituição também precisam seguir um padrão de vestimenta.

A organização das salas é tão impressionante quanto a dedicação à uniformização. Os alunos ficam responsáveis pela limpeza e pelos cuidados com a sala de aula, o refeitório e os demais espaços frequentados. É inegável que o senso de compromisso dos alunos em se integrar ao ambiente é executado com perfeição. Em prol da disciplina e responsabilidade adquiridas com as medidas, é certo que o método é efetivo. Contudo, quando reduzimos um sujeito a uma unidade coletiva obrigatória, suas formas de expressão e materialização da personalidade não são restringidas?

João Luís Garcês Esteves, em seu artigo “As actividades de expressão e educação físico-motora no desenvolvimento da personalidade”, comenta:

Tendo em conta, então, a influência do meio na personalidade dos indivíduos, não é difícil de aceitar a ideia de que a Escola tem enormes responsabilidades no desenvolvimento dessa mesma personalidade durante as fases decisivas da infância e adolescência. Porque é na escola que crianças e jovens passam mais tempo, e é na Escola que eles interagem significativamente com os adultos, com companheiros da sua idade e com muitas das exigências da sociedade (ESTEVES, 2005, p. 273)

Verifica-se, portanto, a imprescindibilidade da tarefa dos professores em auxiliar os alunos no descobrimento de seus interesses, tanto para com a disciplina ensinada quanto com a sua identificação enquanto sujeito. Contudo, essa necessidade não pode deixar de lado o objetivo proposto pelo estágio: ensinar aos alunos os conteúdos referentes à disciplina de Língua Portuguesa e vivenciar a experiência real da profissão.

Neste ponto, podemos já vislumbrar a metodologia adotada como base durante o período de regência do estágio. Paulo Freire, em “Educação como prática da liberdade”,

fomenta argumentos a respeito da interação entre professor e aluno, colocando a comunicação como fio condutor de um processo eficaz de ensino e aprendizagem:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1989, p. 103)

Todavia, as restrições do colégio não se limitavam apenas às roupas utilizadas ou à organização da limpeza. Durante a construção do plano de aula de uma das regências, fui notificada de que a escolha do tema não poderia conter quaisquer resquícios de ideologia política, crítica social ou reflexão moral. As possibilidades de ensino foram encaixotadas em uma falsa ideia de “imparcialidade”.

De que modo, portanto, um profissional capacitado poderia explicar a realidade concreta e moldar o cognitivo da criança em uma consciência crítica e transformadora, preparada para a sociedade que irá enfrentar? A respeito disso, Paulo Freire comenta:

O que teríamos de fazer, numa sociedade em transição como a nossa, inserida no processo de democratização fundamental, com o povo em grande parte emergindo, era tentar uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento. Educação que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica. (FREIRE, 1989, p. 102)

Diante deste cenário, implementei o que, segundo os meus ensinamentos nas aulas de Metodologia, seria mais efetivo para maximizar o aproveitamento do período da regência. Busquei, durante as aulas, trazer estímulos visuais com imagens coloridas, *slides* interativos e ferramentas digitais, além de desenvolver um sistema de ganho e recompensa, em oposição ao método punitivo de correção verbal, vexatória e pública, físico, com exercícios repetitivos de flexão e corridas pela quadra, tão comumente utilizado naquela unidade escolar.

Durante as aulas teóricas, foram formuladas perguntas baseadas nos conteúdos que estavam sendo ministrados e, enquanto a explanação ocorria, os alunos participavam de dinâmicas em que, a cada resposta certa, ou próxima da certa, eles eram recompensados com balas. O resultado desse simples movimento de trazer algo que lhes agradava resultou em

dezenas de mãos levantadas, perguntas por toda a sala e, claro, a atenção completa dos estudantes no tema abordado.

Pode-se dizer, portanto, que o reforço positivo aplicado foi um divisor de águas no desafio de cativar os estudantes e imergi-los nos conteúdos de Língua Portuguesa. Pude, também, comprovar a eficácia do método na atividade avaliativa do gênero textual fábula, ministrado durante os três primeiros dias de regência.

Dividi-los em grupos para construir coletivamente uma fábula foi uma escolha perigosa, quando se tem tão pouco tempo para acompanhar o desenvolvimento da turma. Apesar disso, obtivemos êxito completo na proposta: os estudantes estavam tão integrados ao conteúdo e tão dispostos a realizar as atividades que foi possível finalizar todo o projeto avaliativo em pouco menos de dois dias.

Depois de entregues as atividades e feitas as observações, foi possível perceber o quanto a turma do 6º ano havia dominado o conteúdo. Ainda que os textos possuíssem alguns erros gramaticais, estes não eram tão relevantes quando comparados à construção rica das personagens e da narrativa. Obtive textos significativamente criativos, coloridos e singulares, bem como recebi fábulas carregadas de expressão e sentimento. Um destes textos sobressai-se na minha memória, pela profundidade em que a aluna – a qual não identificarei para preservar sua identidade – descreveu, por meio de alegorias e simbolismos animais, sua solidão em meio aos alunos da turma.

Em suma, a narrativa contava com uma ratinha que vivia com outros roedores, em uma gaiola pequena. E, apesar de seus esforços para fazê-los amá-la, os colegas ratinhos a desprezavam e zombavam dela. Ao final da fábula, a ratinha conhece outros animais que a amam e a aceitam como é e, então, passa a ser feliz. Curiosamente, ou não tanto assim, essa foi uma das poucas crianças, dos três sextos anos em que executei minha regência, que fez o trabalho inteiramente sozinha.

São nestas brechas que nós, enquanto educadores, devemos nos atentar para remediar de alguma forma. Não é possível educar um indivíduo sem se atentar às suas necessidades básicas de pertencimento. Em um contexto como este, Pimenta aponta que

A educação escolar, por sua vez, está assentada fundamentalmente no trabalho dos professores e dos alunos. A finalidade deste, é contribuir com o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar destes com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora. (PIMENTA, 1999, p. 9)

Por fim, destaco outro ponto crucial que enriqueceu significativamente a minha experiência de estágio. Desde a primeira aula, busquei me conectar com os alunos e trazer para eles algo que os fizessem refletir ao final de cada conteúdo ministrado. Mantive-me dentro do universo deles e selecionei como material: curtas-metragens, músicas, pedaços de filmes infantis, revistas de super-heróis e poemas.

3. Considerações finais

Decerto que toda a experiência do Estágio Obrigatório Curricular foi enriquecedora para a minha formação enquanto docente da área de Língua Portuguesa. É indiscutível que a prática complementa de forma essencial a teoria aprendida durante as aulas de Metodologia de Ensino e Didática, bem como dito por Scalabrin e Molinari:

É no período do estágio supervisionado que o acadêmico, futuro professor, percebe a possibilidade de utilizar os conhecimentos teóricos na prática, sempre procurando fazer uma reflexão depois de cada aula, em busca de melhorias e transformações ao longo deste período e com certeza as mudanças continuam no decorrer do seu cotidiano, pois cada turma possui uma realidade diferente, que exige posturas diferentes, a cada ano são situações diferentes e assim são exigidas do professor constantes atualizações e desta forma, flexibilidade nas mudanças na maneira de conduzir e de orientar o seu trabalho diante dos seus alunos. (SCALABRIN, MOLINARI, 2013, p. 3)

Sem dúvida, colocar em prática as teorias pedagógicas de professores referência no assunto tornou toda a experiência ainda mais completa, desde o princípio básico do reforço positivo e do sistema de recompensas durante o ensino até a complexidade de refletir sobre a formação do indivíduo enquanto sujeito de direito.

Mesmo frente aos obstáculos do contexto pós-pandêmico, a dedicação imensurável dos profissionais da educação sobressai à vista. Ainda temos um longo caminho a traçar para reparar os danos deixados, contudo se espera que a vivência dos estudantes estagiários neste

cenário possibilite aos próximos professores aprendizes uma preparação mais adequada para a realidade que os espera.

Por fim, apesar do desafio em transformar a sala de aula em um ambiente propício para o desenvolvimento das jovens mentes, é necessário que esse passo seja dado. É preciso repensar o modo de ver a educação enquanto ferramenta transformadora.

Referências bibliográficas

ESTEVES, João Luís Garcês. As actividades de expressão e educação físico-motora no desenvolvimento da personalidade. *Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 2005, n. 31. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millennium/article/view/8429>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id, autobiografia e outros textos (1923 - 1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. 3. A importância da prática do Estágio supervisionado nas licenciaturas. *Revista científica do centro universitário de Araras*, V. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <http://revistaunar.com.br/cientifica/volumes-publicados/volume-7-no1-2013>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15.